

**AS CIDADES DOS MORTOS: MEMÓRIA E PRÁTICAS
FUNERÁRIAS ENTRE OS JUDEUS DE PARAMARIBO,
SURINAME.**

*CITIES OF THE DEAD: MEMORY AND BURIAL PRACTICES AMONG
THE SURINAMESE JEWS.*

Thiago de Niemeyer Matheus Loureiro¹

Resumo: O presente artigo pretende investigar, a partir de uma perspectiva etnográfica, a importância dos lugares de morte para os judeus do Suriname. A experiência empírica demonstra que os cemitérios estão no cerne da maneira como os judeus do país se entendem no tempo e organizam suas relações com os ancestrais. Além disso, as lápides e suas inscrições atualizam e reorganizam laços de sociabilidade entre os vivos e os velórios não só reativam determinadas redes de solidariedade, como informam experiências específicas de copresença.

Palavras-chave: Suriname. Memória. Antropologia.

Abstract: The following article aims to investigate, through an ethnographic standpoint, the importance of burial sites for the Surinamese Jews. The empirical experience shows that cemeteries are in the heart of the way Jews understand time and organize their relationship with their ancestors. Besides that, tombstones and its inscriptions actualize e reorganize sociability ties amongst the living and the burials not only reactive specific solidarity networks, but inform particular experiences of co presence.

Keywords: Suriname. Memory. Anthropology.

"Hoje não somos muitos, a maioria de nós está lá, eles são como as cidades dos mortos". Com essa frase, uma senhora buscava me explicar a importância dos cemitérios para os judeus do Suriname. "Lá estão nossos ancestrais", ela prosseguia, "e sem eles, quem somos nós"? Em meus cadernos de campo, há certamente muitas

¹ Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional, atualmente é pós-doutorando no Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade de Juiz de Fora, onde leciona como professor colaborador, e pesquisador do LAH/PPGAS/UFRJ. Fez estágio-sanduiche na Vrije Universiteit de Amsterdam e realizou trabalho de campo entre os judeus de Paramaribo, no Suriname, defendendo tese sobre o tema. Anteriormente, investigou as concepções de historicidade implicadas na literatura sobre o sul da Bahia. Tem como interesses a Antropologia das socialidades caribenhas e teoria antropológica, em especial os desenvolvimentos recentes nos estudos sobre família e parentesco.

outras passagens que corroboram a afirmação da senhora. O cemitério, a morte e os mortos estão no âmago da experiência judaica no Suriname, seja informando uma relação com o passado, seja atualizando e reorganizando sociabilidades no presente.

Acerca dos judeus no país, a história que me era contada, durante os dez meses de trabalho de campo entre as famílias judaicas do Suriname², é a de que os judeus foram o primeiro grupo não autóctone a colonizar o Suriname. Sua chegada data do século XVII, quando, expulsos do Recife, um grupo de judeus, liderados por David Nassy, migrou para Caiena (na atual Guiana Francesa), depois para Barbados e, finalmente, se estabeleceu em *Jodensavanne*³ (literalmente "savana judaica"), território autônomo concedido pelos então governantes ingleses. Lá, distantes da perseguição inquisitorial, alguns desses judeus, de origem sefardita⁴ portuguesa (e, em menor escala, espanhola), se converteriam em plantocratas e senhores de escravos. Foi durante o século XVIII, também, que começaram a chegar judeus de origem asquenazita⁵ alto-germânica, falantes do iídiche, que fundaram sua própria comunidade, separada - e de relação diversas vezes conflituosas - da comunidade sefardita.

Os judeus do país se consideram remanescentes desses primeiros colonos - ou descendentes de famílias asquenazitas chegadas nos séculos seguintes - e congregam hoje na sinagoga de *Neve Shalom*, no centro histórico de Paramaribo. Atualmente, a população judaica no país é estimada entre 200 e 300 habitantes, e, em 2004, as duas comunidades se uniram sob a rubrica de *Surinaamse Joodse Gemeente*⁶ ("Comunidade Judaica Surinamesa"), de denominação oficialmente liberal. A antiga sinagoga portuguesa foi alugada e, hoje, abriga uma *lan house* e loja de computadores, sendo o aluguel utilizado na manutenção do outro templo. Rivalidades permanecem, contudo: egressos da comunidade portuguesa de tendências mais "liberais" e da alto-germânica, mais "ortodoxa", divergem constantemente em torno de seus entendimentos sobre a judaicidade (*jodendom*) dos sujeitos e procedimentos litúrgicos. Durante os serviços do *shabbat*, há a regra tácita, que opera como solução intermediária, de que metade dos

² Para preservar a identidade de meus interlocutores, devido ao ambiente de animosidade e rivalidade entre famílias, os sobrenomes judaicos foram substituídos por letras (A, B, C, G, S, etc.) e os que aparecem por extenso são fictícios, o mesmo ocorrendo com os prenomes. A exceção é a família Nassy, pelo fato de ser a família considerada mais importante no passado judaico surinamês.

³ Termos em holandês serão grifados em *itálico sublinhado*. Expressões em **Srnan Tongo**, crioulo local derivado do inglês e com grande influência do holandês, português e línguas da África Ocidental, serão marcados com itálico sublinhado em negrito. Para demais línguas, utilizarei o grifo em *itálico* simples.

⁴ A palavra tem origem no termo hebraico *Sepharad*, que designa a península ibérica.

⁵ *Ashkenaz* era a denominação do hebraico medieval para a atual Alemanha.

⁶ *Gemeente* é o termo que os judeus usam para chamar sua comunidade. Utilizo o termo como categoria nativa, da mesma forma que os judeus fazem para se referirem a si mesmos.

assentos é mista - à maneira liberal - e a outra metade é exclusivamente masculina - ao modo ortodoxo (Loureiro, 2013).

É difícil advogar contra a ideia de que os cemitérios de Jodensavanne são o principal índice de lembranças do passado. De maneira semelhante, o lugar "representa a era dourada da plantocracia judaico-portuguesa do século XVIII, enquanto suas ruínas epitomizam os anos de declínio" (Vink, 2010, p. 148). Essa importância dos cemitérios não é exclusividade judaica. Marjo de Theije observa que no Suriname, "os crioulos têm seu cemitério, os javaneses têm seu cemitério e os indostanos têm seu cemitério, o que significa que não há mistura, nem mesmo após a morte" (de Theije, 2007, p. 96). Uma das mais notáveis características comuns às residências judaicas são as representações pictóricas de Jodensavanne utilizadas como motivo decorativo. Em geral, um quadro pintado ou uma foto antiga emoldurada (em preto e branco ou sépia) na parede são o indicativo de um lar/lugar judaico; todas as casas de judeus têm representações de Jodensavanne ou de seus cemitérios, assim como o gabinete da sinagoga, o *mahamad*, o escritório de um "homem de negócios" local, etc.

Jodensavanne é o símbolo, por excelência, da comunidade. É o lugar onde jazem os ancestrais, e que dota de sentido todo o esforço em "manter a comunidade contra tudo e contra todos (*against all odds*)", como me diria um interlocutor. As histórias sobre o passado, além disso, passam-se, em sua grande maioria, lá. Aquelas que tratam de períodos mais recentes inevitavelmente fazem menção ao seu declínio: como argumentou Wink, as ruínas da sinagoga são o símbolo maior do fim dessa era. Nesse período, os "negócios" começam a se deslocar para Paramaribo, assim como as referências aos ancestrais (embora a lápide mais recente em Beth Haim date de 1873). Qualquer um que tenha sido enterrado em Jodensavanne depois do século XVIII é considerado "muito importante", e há uma série de índices para inferir a importância relativa do morto a partir de sua lápide.

Os critérios são, em geral, formais. Quanto mais alta for uma lápide, mais importante era o morto, assim como o material utilizado na sua construção: as lápides de mármore são as que atribuem maior importância ao morto, além de diábase ("*bluestone*"), calcário e "*brown stones*" (sem que haja uma ordem específica de importância entre as últimas). O trabalho também é avaliado, já que as lápides eram confeccionadas por artesãos na Holanda ou na Itália, e há toda uma série de símbolos que podem estar ou não presentes nas lápides e indicar a ocupação do morto, seu tempo de vida, etc.

Os cemitérios são o lugar onde "estão" os ancestrais. Quando se fala em Jodensavanne, mais precisamente, se refere ao lugar onde os ancestrais "viviam". Lá é

o "lugar das histórias", um "lugar com muita história" ou o "lugar onde os mais antigos viviam". Há diferentes modos de localizar o lugar. O primeiro, mais geográfico, o situa a 50 km ao sul da capital, como nos mapas, ou utilizando outras referências como "uma hora e meia de carro", por exemplo. Outra forma entrelaça tempo e espaço de maneira mais complexa: é "o começo do país", "o lugar onde viviam os primeiros judeus", etc. É digno de nota que a natureza mudou com o passar do tempo, no atual sítio arqueológico: até o século XVIII, quando os judeus são forçados a migrar para Paramaribo, o "sol brilhava mais" embora "fizesse menos calor", em um clima propício ao estabelecimento de uma colônia judaica. Os animais selvagens eram "menos selvagens", o que explica em parte o "sucesso" da empreitada de estabelecimento dos ancestrais no local. As plantas cresciam muito mais rápido, já que a terra era abençoada; foi o lugar escolhido por *David Nassy* e seus colonos para se estabelecer, mas também, de certa forma, os escolheu. A despeito de questões políticas, há uma confluência cósmica mobilizada para explicar a chegada ao lugar que não é, absolutamente, contingente. Até mesmo a perseguição religiosa sofrida no Recife, quando do fim da ocupação holandesa, tem sua razão de ser, já que levava os judeus à sua savana.

A história e as descrições dos interlocutores são consoantes com certo cânone literário. *Jodensavanne* era, como repetem os membros da comunidade, "a Jerusalém à beira do rio". Em nenhum "outro lugar do novo mundo os judeus experimentariam tamanha autonomia". Criaram seu próprio Estado, assim, em um "paraíso, um lugar que ainda é bonito, mas não é como era". O que mudou não foi apenas a paisagem arquitetônica ou o que há de cambiável na natureza em alguns poucos séculos, mas "a alma do local". Trata-se hoje de um lugar sagrado e especial, destino de peregrinações, onde é possível estar em contato com outro tempo, "o tempo dos judeus" como me disseram alguns interlocutores. Em meados do século XVIII, quando o eixo se desloca de *Jodensavanne* para Paramaribo, a primeira deixa de ser esse lugar "mágico". O fato de os judeus se verem obrigados a abandonar o sítio torna-o sujeito às forças da natureza. "Os judeus mantinham o lugar organizado" e a "natureza controlada", no sentido de que a floresta, caso a mata não seja limpa, cresce sobre a sinagoga e os cemitérios. Além do respeito à natureza, a natureza ela própria parecia respeitar os judeus:

- *Esse animal, ele come a cabeça de uma criança com uma patada! Vive aqui perto, no mato... (na estrada em direção ao sul de Paramaribo)*

- *Que animal?*

- *Tigrikati*⁷
- *Como ele é?*
- *É um gato muito grande, parece um pouco um "lince" no tamanho... mas é que nem um jaguar.*
- *Você já viu?*
- *Ao vivo não, só a destruição que ele deixa... Ele é muito feroz, mas os judeus domesticaram ele... O jaguar não.*
- *Então dá pra nós vermos um? Alguém tem?*
- *Não, não... eles foram domesticados no tempo que os judeus chegaram aqui, ajudavam a tomar conta do terreno, sabe? Depois ficaram selvagens de novo... Pode parecer uma coisa que você não vai acreditar, mas minha avó sempre falava disso: "os judeus eram amigos do **tigrikati**"... aliás, ele nem era tão feroz, naquela época. Bom, não sei se é exatamente assim, não é? É uma história, mas naquele tempo a natureza era mais pacífica.*

Quando perguntei a uma interlocutora se o **tigrikati** era um animal doméstico, ela respondeu prontamente: "claro que não!". Ao explicar a história, contudo, ela disse que era possível que eles fossem de certa forma domesticados, ou que, ao menos, entendia "o que a história queria dizer", já que os animais, naquele tempo, respeitavam muito os judeus. Seguiu-se a explicação de que o lugar foi escolhido por *Hashem* para ser morada dos judeus. Estes por sua vez, tomavam conta e respeitavam a natureza, "assim como os índios". Os animais, desse modo, eram mais dóceis, já que se tratavam de pessoas que tomavam conta "de sua casa (dos animais)" em um lugar "escolhido por Deus para ser a casa dos judeus".

Ouvi também referências à produtividade do solo no período. O solo de *Jodensavanne* era "abençoado": o que quer que se plantasse, crescia com bastante vigor. Isso explica, em larga medida, a prosperidade dos primeiros colonos a se estabelecerem no país. Ao frasear esse tipo de argumento, salvo quando contam histórias sobre antepassados, alguns interlocutores chamam a atenção para o fato de que "isso é o que dizem". Uma das minhas experimentações era perguntar como era "naquele tempo" e depois perguntar o que mudou, quando, e por que o mesmo não aconteceu no resto do país. Emerge aí outro registro de crença, onde os judeus explicam que, "obviamente, não é exatamente assim" ou que "é parte das nossas crenças" ou, ainda, é "uma espécie de mito" (embora o termo não apareça com frequência suficiente para que se enseje uma análise de seu sentido).

⁷ Tigrikati, eu viria a descobrir depois, é o termo utilizado para a jaguatirica em Sman Tongo.

Uma maneira clássica de frasear o argumento sem que se faça do século XVII um tempo radicalmente diferente em termos naturais é explicar que os judeus, com auxílio divino, encontraram o “melhor ponto de todo o Caribe e Amazônia”. Isso explica, por exemplo, por que certos animais eram menos ferozes - trata-se mais de uma especificidade de lugar do que de tempo - mas não dá conta do motivo pelo qual os *tigrikatis* não são domesticáveis. Com relação à docilidade relativa da selva, contudo, utiliza-se o “engenho”, a “inteligência” ou outras qualidades para explicar como usar determinados animais a seu favor, ou como não ser atacado por onças: os judeus se lembravam de “acender fogueiras nos seus acampamentos” e “tomavam todo o cuidado ao sair para a mata”. Outra técnica, segundo um interlocutor era “o uso de uma máscara virada ao contrário, já que os felinos só atacam por trás”. Dessa forma, os *tigrikatis* não eram domesticáveis, como me explicou um interlocutor; eles eram, assim como as onças, mantidos à distância com o uso de técnicas particularmente engenhosas. Tudo aquilo que se relaciona à sua domesticidade diz respeito a “histórias”, quando “na verdade, os judeus eram espertos e logo encontraram um jeito de manter esses animais longe”. De todo modo, os mesmos interlocutores que me forneciam explicações mais ‘racionais’ falavam, em outros contextos, de *tigrikatis* domésticos.

O mesmo vale para outros atributos da “terra”. A fertilidade pode ser tanto uma benção quanto fruto de uma boa escolha dos judeus (e se destaca que, até hoje, as cercanias do sítio são “um bom lugar para se plantar”) e o uso de técnicas mais avançadas do que as que se dispunha no período. Esse último argumento volta a tangenciar a ideia do “engenho” como qualidade dos primeiros colonos judeus. De qualquer forma, em várias explicações emerge a ideia de que “aquele tempo era diferente”; a tarefa de colonizar um espaço como aquele no qual se encontra *Jodensavanne* seria infactível, não fosse “o céu mais azul, as chuvas, a docilidade da floresta, a brisa que tornava o ambiente agradável”. Tratava-se de outro tempo, e essa assertiva é reforçada especialmente quando se fala de antigos personagens e seus feitos hiperbólicos, que só eram possíveis por esse motivo. Tomemos David Nassy, por exemplo: a esse líder dos primeiros colonos, nascido no começo do século XVII, são atribuídas façanhas de negociação, além de grandes habilidades de combate, tanto no plano estratégico quanto como soldado. Ele também conhecia muito sobre propriedades do solo, arquitetura e era um homem letrado, segundo diversos relatos de interlocutores. Muitos chamam a atenção para a monumentalidade de sua obra *Essai Historique*, que mesmo não tendo sido escrita por ele - foi escrita por outro David Nassy, seu tetraneto, nascido em 1747 - é atribuída a sua pessoa, diversas vezes, já que poucos distinguem diferentes David Nassys. Sua habilidade em combate, como já me

foi contado, pode ser fruto da confusão entre sua figura e a de um David Nassy que viveu em meados do século XVIII e era capitão da milícia judaica à época em que o escritor nasceu, chefiando diversas expedições contra *maroons* e escravos fugidos. Essa série de histórias sobre David Nassy faz dele grande espadachim, intelectual, colonizador, agrônomo, etc.

Para alguns judeus, a distinção entre os diferentes David Nassys pode ser importante; outros a desconhecem por completo e saber que houve vários personagens com esse mesmo nome, assim como houve mais de um Benjamin C, David A, etc., é entendido como sinal de erudição. Uma senhora viria a me dizer, a respeito de um amigo dela que se dizia descendente de um desses grandes personagens que "havia vários Salomon Es, ele precisa de mais pesquisa (*onderzoek*)". Sendo o homem um amigo próximo da senhora e considerado "erudito/estudado" (*geleerde*), o comentário não pareceu malicioso, até por seu tom; minha interlocutora parecia mais interessada em mostrar que ela dispunha de "conhecimento" (*geleerdheid*, um conhecimento apreensível, mais afinado à erudição do que à inteligência) a ponto de corrigir o que o senhor falava.

Foucault classificou o cemitério como o que chamou uma heterotopia: "um lugar que tem a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros, mas de tal forma que suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que eles designam, espelham ou refletem". Ao contrário da utopia, no entanto, a heterotopia possui uma localização real (Foucault, 2001, p. 1574). O cemitério é também "um espaço que está (...) em ligação com o conjunto de todos os espaços da cidade ou da sociedade ou da aldeia, já que cada indivíduo, cada família, tem parentes no cemitério" e o espaço onde "a cultura ocidental inaugurou o que se chama culto aos mortos". (Foucault, 2001, p. 1577). Esse caráter heterotópico parece particularmente verdadeiro não só no caso de *Jodensavanne*, como no dos cemitérios (ativos e inativos) da cidade.

Se *Jodensavanne* tem tanta importância simbólica (inclusive determinando quais famílias têm mais ou menos história), os cemitérios judaicos ativos da cidade são os atuais locais onde se prestam homenagem àqueles falecidos no período mais recente, e onde continuam a ser enterrados os mortos da *gemeente*. Paramaribo tem três cemitérios, todos localizados em *kwattaweg*: um antigo cemitério onde judeus asquenazitas e sefarditas eram enterrados (separados por uma pequena trilha) que começou a ser usado por volta de 1700, um cemitério português (onde a lápide mais antiga data de 1868) e outro alto-germânico (que entrou em uso em 1825) (Ben-Ur, 2004).

Um funeral parece ser uma das poucas ocasiões que reúnem membros de quase todas as famílias: é considerado um evento da mais alta importância e devem-se

prestar homenagens (manifestas através da presença e não necessariamente de condolências) mesmo que o morto tenha sido um desafeto (a não ser que a desavença seja tão grave que a ausência pretenda ser sentida). A cada judeu falecido, as falas sobre a iminência do fim da comunidade são renovadas: a morte é vista como uma perda irreparável não apenas para a família, mas uma ameaça à existência dos judeus no país. Talvez aí resida a importância dos funerais, mesmo daqueles de quem a pessoa não gosta. Certa vez, um senhor comentou, acerca de uma pessoa que frequentava a sinagoga com relativa frequência, e recentemente: "eu nunca gostei dele (...) mas a gente vai vendo a comunidade acabar, é triste".

O funeral é um evento triste para os mais próximos: os menos íntimos, no entanto, encontram amigos que não viam há muito tempo e têm a oportunidade de conversar sobre os mais diversos assuntos. Um dos mais corriqueiros é a frequência ao templo. Fala-se também de casamentos, emigrações, retornos. Marcam-se visitas para conversas e reconhece-se, por vezes, a "necessidade de voltar a ir à sinagoga". Quando o defunto é mais velho, sendo a morte considerada natural, o velório não é "pesado". Muitas vezes, segundo um amigo: "contamos histórias engraçadas sobre o morto". As histórias são contadas, em geral, por membros de outras famílias ou parentes menos próximos (mas que mantinham uma boa relação) e exaltam as virtudes do defunto de maneira espirituosa. Pode-se falar em um banquete onde devido às extraordinárias habilidades culinárias do morto, toda a vizinhança compareceu, tornando a quantidade de comida inadequada e gerando transtornos contados em forma de anedotas. As histórias em geral se passam em uma época longínqua, onde as "coisas eram diferentes". Alguns "mais velhos" se gabam de terem estado presentes no evento descrito, outros de terem escutado a história na época em que ela ocorreu. Os grupos de conversa se formam à beira da estrada, no passeio de terra, em frente ao local.

O morto é enterrado em uma mortalha branca, em geral de costas (embora isso não seja uma regra). Ao redor do caixão ficam os familiares e amigos mais próximos do defunto, havendo um trânsito constante daqueles que vão prestar homenagens. O fato de as grades dos cemitérios ativos estarem quebradas faz com que haja muito lixo no local, obrigando a limpar previamente a área onde vai ser o enterro. Não se dá os pêsames à família no cemitério, embora essa regra ideal seja quase sempre quebrada. A presença no funeral é, ela própria, entendida como uma homenagem. É tido como mais correto ir à casa da família na semana que se segue para oferecer condolências. Ainda que se possa ir a um enterro de alguém de quem não se gosta, não se deve ir à sua casa na semana seguinte: essa atitude é considerada, por meus interlocutores, como cínica. A presença masculina no funeral também é importante pela necessidade

de quorum masculino (*myniam*), para a execução do kaddish⁸. Imagine-se que o judeu adulto presente está disponível para suprir essa necessidade numérica, mesmo que não tenha tido relações estreitas com o defunto em vida. As lápides podem variar enormemente: uma visita aos cemitérios em funcionamento revela lápides recentes de todo tipo. Algumas são lápides judaicas consideradas "tradicionais" (feitas em mármore e dispostas de forma horizontal), enquanto outras são vistas como mais semelhantes às lápides "crioulas". Um amigo, certa vez, me disse: "você que se interessa por essas coisas, essas são lápides crioulas, é uma mistura da cultura judaica com a do Suriname". Ele se referia a lápides feitas de telhas brancas e azuis com aquilo que seria a "pedra tumular" feita em madeira. O topo é arredondado ou triangular, e a ele se prende uma estrela de Davi. Esse tipo de lápide, à exceção da estrela, é muito semelhante àquele encontrado no cemitério "crioulo" de *Jodensavanne*, e meus interlocutores o identificam como índice de "mistura".

Em "*Placing the Dead*", Maurice Bloch descreve as tumbas (*fasana*) construídas nos vilarejos ancestrais dos Merina de Madagascar. Cada Merina pertence a um "*tomb group*", escolhido por ele próprio e dedicado à construção e manutenção de tumbas, para as quais se deve retornar quando de sua morte. Essas tumbas (*fasana*) podem custar até 70 vezes o valor de uma habitação Merina comum. Quando da morte, os cadáveres são enterrados em túmulos individuais até que a pele se separe dos ossos, quando são finalmente levados para as tumbas, para se unirem a seu "*tomb group*" (Bloch, 1971). Os Merina, com efeito, viveriam simultaneamente em "dois mundos": o lugar onde trabalham, moram e vivem seu cotidiano e o mundo ritual do *tanindrazana* (*terra dos ancestrais*). O que oferece subsídios para pensar o caso de *Jodensavanne* e dos cemitérios judaicos, acredito, é o fato de o *tanindrazana* *dispor de uma localização espacial determinada. É possível visitar fisicamente a terra dos ancestrais, aos quais a pessoa espera se unir um dia. Diversas práticas são ensejadas no sentido de manter as terras ancestrais dentro da família: os "tomb groups", assim, são compostos por aqueles que pagam para manter a tumba e ter o direito de ter seus ossos ali depositados. O mundo ritual onde vivem os Merina não é absolutamente transcendente.* (Bloch, 1971)

Os mesmos Merina estudados por Bloch são sujeitos de outra discussão que parece relevante aqui. David Graeber observa que a "história, em Imerina, é em larga medida uma questão de colocar os vivos na paisagem histórica criada pelos mortos" (Graeber, 1997, p. 374). Entretanto, um terço da população Merina é formada por escravos, e em Madagascar, escravos são, por definição "pessoas sem ancestrais.

8 *Kaddish* é uma prece recitada em memória de entes falecidos, e necessita de um quórum de dez homens adultos.

Arrancados de suas paisagens originárias e incapazes de reclamar o espaço onde vivem e são enterrados, os *olona veiy* ("povo perdido") são literalmente pessoas despojadas de sua história (Graeber, 1997, p. 374). Graeber argumenta que as vítimas da escravidão sofriam a "ruptura completa com laços amorosos, de parentesco e de experiências comuns que os ligavam a suas casas, pais, amigos, amantes, todos e tudo o que mais lhes era caro na vida". Era "primordialmente, uma perda de todas as relações humanas, mas as pessoas no período [aqui, o XIX] tendiam a falar disso como uma perda de lugar" (Graeber, 2007, p. 201). Uma das principais preocupações dos escravos libertos em 1896 era adquirir terras produtivas: não porque fosse uma atividade particularmente lucrativa, ou para escapar do trabalho assalariado. O desejo por terra era "o desejo de criar um lugar para seus descendentes. Dispondo de terras para passar aos filhos, era possível começar a pensar em uma tumba" (Graeber, 2007, p. 202).

O caso *Merina* sugere que *Jodensavanne* (assim como os demais cemitérios) não é importante apenas do ponto de vista simbólico: é a localização física dos ancestrais. Os cemitérios ativos são os lugares para onde os judeus planejam ir após a morte, no intuito de se unirem a seus ancestrais e familiares mais próximos. Alguns interlocutores fazem questão de serem enterrados em determinados lugares, já que "quatro gerações da minha família estão lá". É importante, além disso, jazer ao lado daqueles "que acompanharam sua jornada em vida": mãe, pai, irmãos, cônjuges e filhos. Os cemitérios de *Jodensavanne*, especialmente *Beth Haim*, são frequentemente o modelo de disposição ideal de cadáveres. Embora se mencione o fato de as lápides terem se movido ao longo dos séculos, a união familiar é destacada, com a menção à forma como familiares eram dispostos próximos uns dos outros "para a eternidade".

Há frequentemente um planejamento, em especial por parte dos mais velhos, no sentido de como morrer. No que diz respeito às lápides, trata-se tanto de uma questão de estilo, quanto de escolha das inscrições. Há preferências por certos materiais (como mármore e granito), ou por lápides mais ou menos chamativas. Pode haver a exigência pela datação a partir do calendário judaico ou inscrições em hebraico. Símbolos como a *menorah*⁹ podem ser requisitados em conjunto à estrela de Davi, por razões pessoais, estéticas ou religiosas. Pede-se, por vezes, que se eternize nas inscrições determinada ocupação em detrimento de outra. Um interlocutor contou que seu avô teve uma breve carreira no rádio durante a juventude, mas se sustentou trabalhando como comerciante. Quando estava "velho" pediu que fosse enterrado como "Moses R, Radialista" e que o resto das inscrições fossem "homenagens sinceras

⁹ A *Menorah* é um candelabro de 7 pontas, um dos símbolos mais difundidos do judaísmo.

de seus familiares". Seu desejo foi atendido e ele foi enterrado como "Moses R, Radialista. Pai e Marido amado". Considera-se que não se deve economizar no material da pedra tumular, sendo o dispêndio de uma soma elevada de dinheiro vista como uma homenagem por parte dos que sobrevivem ao defunto.

É solicitado com frequência que se tome o devido cuidado quando da sua morte, no sentido de investimento de atenção: "não quero nem ver como vocês vão me enterrar!", disse uma mãe, ainda na casa dos 60 anos e saudável, aos filhos. Um deles me explicou que ela se referia a uma suposta negligência, no sentido de que as visitas com a esposa e netos estavam se tornando menos frequentes do que o que a senhora considerava ideal. Ele continuaria me explicando que "quando passo algum tempo sem visitar minha mãe, se eu for à casa dela, ela só fala em como quer ser enterrada". Embora isso irritasse meu interlocutor, que tentava constantemente mudar de assunto, o assunto era considerado da mais alta importância. Sua mãe deveria decidir como e onde ser enterrada, e seu desejo deveria ser atendido.

Segundo me foi relatado, as lápides podem ser bastante caras, dependendo do material do qual são feitas. Embora "não seja importante para o morto", uma lápide mais cara demonstra afeto e saudade por parte dos vivos. Gastam-se desde uns poucos milhares de dólares surinameses, até 20.000 dólares americanos, ou mais. Enterrar o defunto com as homenagens mais dispendiosas dentro de suas possibilidades é considerado um sinal de apreço pelos que se vão. Ouí de algumas pessoas que, conforme envelhecem, alguns guardam dinheiro para o próprio enterro, esperando que a família adicione mais uma quantia a essa soma, de maneira a eternizar sua homenagem em forma de uma bela lápide.

Outro fator determinante na hora da morte é onde ser enterrado. A proximidade com os familiares é tida como fundamental. Há pessoas que são trazidas da Holanda para serem enterradas no país, e pude presenciar um desses funerais. Outras pessoas, mais velhas, retornam ao Suriname porque não se imaginam morrendo fora do país e longe de seus ancestrais. Uma das famílias que conheci na Holanda planejava sua mudança de volta para o Suriname: apenas o filho mais novo, então com 20 anos, nascido e criado na antiga metrópole, permaneceria no país. A justificativa, tanto da mãe (judia) quanto do pai (católico), pareciam seguir a mesma linha: a senhora dizia que havia trabalhado, criado três filhos e dado a eles tudo o que podia. Sua missão estaria, segundo ela, "completa", não havia necessidade de morrer em uma "terra gelada". O marido, por sua vez, compartilhava da opinião da esposa.

Esse caso específico traz à tona a questão, sempre presente, da escolha do local para ser enterrado. Em famílias onde apenas um dos cônjuges é judeu, a pessoa deve decidir entre ser enterrado junto a seus ancestrais ou a seu marido ou esposa. Ainda

que tenda a prevalecer certa liberalidade no que diz respeito à conversão ao judaísmo para propósitos funerários, aqueles que optam por não ser judeus não podem ser enterrados nos cemitérios judaicos. Com relação à escolha, as poucas famílias mistas às quais fiz essa pergunta responderam que preferiam ser enterrado com esposo (a) e filhos, embora a questão dos ascendentes seja sempre mencionada. Para se enterrado com marido e filhos não judeus é necessário abdicar de ser enterrado próximo ao pai ou à mãe, e essa decisão é considerada "dolorosa" ou "difícil". O lugar onde ser enterrado é de certa forma um impeditivo ao casamento entre judeus e não judeus. Conversando com um conhecido hindustano, ele me diria que o mesmo acontece com ele: sua mãe teme que, caso ele não se case com uma hindustana, não vá se unir a ela (e seu pai já falecido) na morte. Embora isso não o fizesse desistir, hipoteticamente, de um casamento com uma mulher não-hindustana, a questão se coloca como algo que lhe incomoda. Entre os "jovens", conversando informalmente, ouvi por vezes conversas sobre a preocupação a "separação da família" (entendida aqui como núcleo familiar e ascendentes diretos) depois da morte.

Os cemitérios também determinam quem é ou não judeu. Só é judeu quem descende de alguma família, que, por sua vez, é localizada a partir dos cemitérios. Mesmo que não se tenha o nome 'legalmente', é possível pertencer a essa ou aquela família por descender de determinados ancestrais. Há uma hierarquia com relação à incidência das lápides nos cemitérios: quanto mais antigas, mais prestigiosa a família se torna, por ser ela própria mais "antiga". O cemitério onde estão seus primeiros ancestrais localizáveis também é uma questão: alguns estão em *Cassipora*, outros em *Beth Haim*, muitas famílias aparecem apenas nos cemitérios judaicos da cidade. Há toda uma hierarquia de prestígio que coloca o primeiro como o mais importante, seguido do segundo, que também se localiza em *Jodensavanne*. Não ter ancestrais em nenhum dos cemitérios, contudo, exclui a pessoa da *gemeente*. Não havendo correspondência entre nome e inscrições em lápides é impossível reivindicar ser judeu por ancestralidade. Enquanto consultava listas do arquivo pessoal de minha anfitriã, ela me dizia não saber responder determinadas perguntas, já que certas famílias "não existem mais". Por "não existir mais", ela queria dizer que não havia descendentes vivos. Da mesma forma, ao perguntar se essa ou aquela pessoa era judia, era sempre indagado sobre o nome. Mais de uma vez, especialmente no começo de minha pesquisa, ouvi que determinada família "não existia". Como usava como referência o nome e o sobrenome oficiais, muitas vezes isso gerava certa confusão. Quando o ancestral mais próximo era localizado, a pessoa era chamada pelo nome de sua família:

- Carole: "Igor Pilgrim... Judeu... Essa família Pilgrim não existe... não sei quem é."

- "Como assim não existe? Será que ele inventou esse nome?"

- Carole: "Não, claro que não... Estou dizendo que eles não são judeus... Daqui, eu tenho certeza, não tem um Pilgrim enterrado por aqui... Como ele é?"

- "Ele é baixo, deve ter uns 30 anos, é um pouco acima do peso..."

- Carole: "Ahh, Sim! Igor! É o neto de Rita Manilha, ele é Manilha!"

O que Carole queria dizer era que o nome "*Pilgrim*" não constava em nenhuma lápide, em nenhum dos cemitérios. Como alguém que vivia pesquisando listas genealógicas, esse nome nunca havia aparecido em lugar algum e, por conseguinte, "não existia". Além disso, o nome "não soava judeu". Ela disse que ele poderia ser judeu em algum outro lugar, mas não ali. Todas as famílias têm ancestrais enterrados nos cemitérios judaicos do país. Perguntei se era possível que o nome estivesse em uma lista genealógica, mas não aparecesse em lápide alguma. Ela respondeu que provavelmente havia nomes nas listas encontradas em arquivos que não se encontram em cemitérios, mas considerou a possibilidade de um descendente de uma dessas famílias existir improvável a ponto de ser desprezível. Determinadas coordenadas - aparência física, idade - fizeram com que ela localizasse Igor como membro da família Manilha, uma família judaica com membros tanto vivos quanto mortos e inúmeras inscrições em lápides e listas. Para efeitos da *gemeente*, a família "Pilgrim" não existe.

A "não existência" de uma família pelo fato de não haver seu nome inscrito em lápides, é apenas mais um sintoma da importância dos cemitérios na organização da *gemeente*. Os cemitérios funcionam como índices da presença judaica do país, tanto para os surinameses em geral (que os veem como grupo quase extinto), como para os próprios judeus. Nesse contexto específico, as "cidades dos mortos" conformam, de maneira muito significativa, a lógica das interações entre os vivos.

REFERÊNCIAS

VINK, Wieke. **Creole Jews: Negotiating Community in Colonial Suriname**. Leiden: KITLV Press. 2010.

VINK, Wieke A. Over migranten, suikerplanters, Joodse kleurlingen en religieuze tolerantie: De Joodse ervaring in Suriname. **OSO**, n. 20, 2001, p. 18-42.

LOUREIRO, Thiago de Niemeyer Matheus. **Genealogias, Herança e Pessoa Judaica no Suriname**. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social ; Museu Nacional ; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BEN-UR, Aviva. *Still Life*: Sephardi, Ashkenazi, and West African Art and Form in Suriname's Jewish Cemeteries. **American Jewish History**, v. 92, n. 1, 2004, p. 31-79.

BLOCH, Maurice. **Placing the Dead**: tombs, ancestral villages and kinship organization in Madagascar. Londres & Nova Iorque: Seminar Press, 1971.

DE THEIJE, Marjo. De Brazilianen Stelen al ons Goud! Braziliaanse migranten in stad en binnenland. **Oso**, v. 26, n. 1, 2007, p. 81-99.

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. In: -----, **Dits et Écrits, 1976-1988**. Paris: Gallimard, 2001. p. 1571-1581.

GRAEBER, David. Painful Memories. **Journal of Religion in Africa**, v. 27, n. 4, 1997, p. 374-400.

GRAEBER, David. **Lost people**: magic and the legacy of slavery in Madagascar. Bloomington: Indiana University Press, 2007.